

Arquitetura moderna e contemporânea em Belém: diálogo entre tempos

Giovanni Blanco SARQUIS *

* Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UNAMA/PA, 2000), especialista em Paisagismo (UNAMA/PA, 2009), mestre (2002) e doutorando (desde 2009) em Arquitetura e Urbanismo (Mackenzie/SP). Técnico em Arquitetura do IPHAN/SP (desde 2006).

Rua São Vicente de Paulo, 124 – Apartamento: 1308

Cep: 01229-010 Santa Cecília São Paulo/SP

Tel (11): 62012849 (celular) / 38260744 (IPHAN/SP)

E-mails: giovanni.sarquis@hotmail.com;

giovanni.sarquis@iphan.gov.br

Resumo

A compreensão da arquitetura em Belém/PA nesta pesquisa a partir dos anos de 1960 tem como investigação a afirmação do moderno e a atualização do regionalismo; demonstrando que por meio de projetos alinhados à proposta de diálogo entre estas posturas, há o compartilhamento de semelhanças - que não devem ser vistas enquanto limitação -, bem como a ideia de pertencimento ao contexto e também reflexo de influências projetuais externas. Neste sentido, este artigo discute a produção arquitetônica de Belém a partir de certo *modus operandi* presente na prática de projeto, vinculado a questões climáticas e construtivas regionais.

Palavras-Chave: Arquitetura moderna, Belém, arquitetura contemporânea, regionalismo.

Abstract

The understanding of architecture in Belém/PA this research from the 1960s is to research the way to affirmation of the modern and updating of regionalism, demonstrating that through projects aligned to the proposed dialogue between these positions, there is the sharing of similarities - that should not be viewed as limiting - and the idea of belonging to the context and also a reflection of external influences projective. Therefore, this article makes the architectural production of Belém from of a certain *modus operandi* in project practice, linked to climate question and regional constructive.

Keywords: Modern architecture, Belém, architecture contemporary, regionalism.

Arquitetura moderna e contemporânea em Belém: diálogo entre tempos¹

1. Pluralismo na arquitetura: continuidades, mudanças e reflexões

Na contemporaneidade, a diversidade estilística é o reconhecimento da inexistência de hegemonias ou orientações projetuais determinadas. Tem-se um território constituído por linguagens arquitetônicas cujas proposições associadas à tradição da arquitetura moderna não se esgotaram, tornando mais reconhecível a manutenção daquelas no repertório não como ideologia, mas como referência. A interpretação da arquitetura contemporânea, assim como de seus aportes teóricos que servem à concepção projetual, permite considerar a complexidade em torno da revisão do moderno e de sua relação com abordagens projetuais regionais e locais.

Na América Latina, a reverberação das discussões e críticas ocorridas ao longo do último quartel do século XX - sobretudo em torno dos Seminários de Arquitetura Latino-Americana (SAL's) - induziu a debates que contribuíam para certa compreensão da arquitetura contemporânea, precisamente a partir de obras que estabelecessem relação com a cultura local, enquanto resposta a algumas de suas especificidades, quer fossem de ordem climática, construtiva, econômica ou social.

Essa arquitetura carrega a justaposição de elementos de diferentes momentos históricos, assimilados de forma distinta a partir de influências externas e condicionantes internos; uma variada produção que consiste em revisões do modernismo²; resultantes de uma condição mundial, que se revela num pluralismo de arquiteturas que emergiriam desde os anos 1980 alinhadas a temas diversos como a continuidade histórica, a ideia de lugar e pré-existências, a tectônica, a racionalidade técnica, o contextualismo, a tipologia, o neovernacular, a reciclagem, a reinterpretção, os *revivals* e mimeses dentre outros que, por sua vez, conformam a própria contemporaneidade.

Ignasi de Solà-Morales observa a arquitetura contemporânea sendo marcada por um pluralismo de referências que notadamente busca ajustar-se à realidade material, social e cultural de identidade³. Neste sentido, a experiência projetual não deve ser normatizada, muito menos se constituir num sistema a partir do qual se possa deduzir a organização de toda a realidade; ao contrário, a arquitetura deveria ser percebida a partir de experiências que se produzem pontualmente, diversificadamente e de maneira fragmentada. Compreender essa diversidade na produção contemporânea em Belém

¹ A presente pesquisa foi concebida e articulada com a tese de doutorado em andamento "Arquitetura contemporânea em Belém, 1985-2005: projeto, diálogo e referências" com apoio da bolsa do MACKPESQUISA da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP.

² BROWNE, Enrique. *Otra arquitectura en América Latina*. Cidade do México: Gustavo Gili, 1988, pp. 10-15.

³ SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gili, 1995, p. 69.

reforça ser ela consequência de uma condição universal; um panorama no qual se abre a perspectiva de discutir o diálogo entre o moderno e o regional.

2. Belém contemporânea

A prática acadêmica e profissional em Belém tem evidenciado, desde a década de 1960, estreito vínculo com a tradição moderna; que nos anos de 1980 é confirmado pela continuidade do moderno e relação com questões identificadas com o regionalismo, como o conforto ambiental, a sistematização do conhecimento quanto ao clima regional e a aplicação de técnicas tradicionais e materiais regionais nas construções contemporâneas. Assim, tem-se uma condição de diálogo, normalmente pragmática, entre um processo de construção racional e a cultura do lugar; aspectos de uma equação que se conforma pela combinação entre uma arquitetura de viés regional e a compreensão de pertinências universais.

Há em algumas obras e atitudes de profissionais de arquitetura em Belém certo alinhamento com questões discutidas desde os anos de 1930 no que se refere a construção de uma arquitetura moderna no país com identidade própria, uma arquitetura moderna brasileira que embora resultado de condições técnicas e sociais novas, “se proporia a reinterpretar, através de uma leitura estrutural e de técnicas de seu tempo, a tradição construtiva brasileira”⁴. Neste sentido, deve-se reforçar a incontestável contribuição dos esforços do arquiteto Lúcio Costa para a renovação de uma tradição construtiva racional e nacional no país, a fim de enriquecê-la com um repertório moderno de elementos de arquitetura. Renovação de um repertório tipológico e de elementos de composição comprovando, de um lado, que o vernacular popular, de autenticidade e simplicidade indiscutíveis, podia ter a mesma autoridade como fonte formal da arquitetura moderna que a construção utilitária, a engenharia, os produtos da indústria e a pintura de vanguarda.⁵

Em Belém, a afirmação de um repertório projetual identificado com a tradição moderna deu-se com o curso de arquitetura da Universidade Federal do Pará (UFPA) a partir dos anos 1960, face à formação dos professores gaúchos responsáveis pela estrutura pedagógica ser de matriz modernista; ainda sim, esta circunstância por si só não foi a garantia de um processo de projeto ajustado às especificidades materiais e climáticas locais, induzindo ao reconhecimento de experiências modernas incorporadas à realidade amazônica, contribuindo para tal a visita dos alunos do curso à vila operária de Serra do Navio [Fig. 01] em 1965 - assentamento urbano projetado pelo arquiteto paulistano Oswaldo Bratke em 1955, a serviço da empresa Indústria e Comércio de Minérios (Icomi), como suporte à exploração de manganês no Estado do Amapá⁶. Esta

⁴ CAVALCANTI, Lauro. *Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 49.

⁵ COMAS, Carlos Eduardo. A arquitetura de Lúcio Costa: uma questão de interpretação. In: NOBRE, Ana Luiza; KAMITA, João Masao; LEONÍDIO, Otavio; CONDURU, Roberto (orgs.). *Um modo de ser moderno: Lúcio Costa e a crítica contemporânea*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 24.

⁶ SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme Mazza. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: ProEditores, 1997, p. 238.

experiência permitiu aos arquitetos formados na primeira turma do curso da UFPA reconhecer uma arquitetura que atestava a viabilidade do diálogo consciente entre a racionalidade construtiva e as especificidades do contexto.⁷



Fig. 01: Vila Serra do Navio, Amapá.
(Fonte: Arquivo Oswaldo Bratke).

Diante das características climáticas da região, do interesse da empresa mineradora em construir um assentamento urbano dotado de completa infra-estrutura, das dificuldades inerentes às distâncias para o deslocamento de materiais, da impossibilidade de contar com mão-de-obra qualificada e do pouco conhecimento em trabalhar com as especificidades locais, o arquiteto Oswaldo Bratke adotou a racionalização dos processos e serviços como meio de viabilizar o intento⁸. Neste sentido, o projeto desta estrutura urbana incorporou algumas soluções construtivas que reforçavam o alinhamento de um projeto moderno com as especificidades climáticas locais [fig. 02/03] bem como: madeiras da região nas estruturas das construções; janelas venezianas com palhetas móveis; beirais de proteção contra a insolação direta e as chuvas constantes; e planos de elementos vazados nas fachadas permitindo a circulação de ar cruzada e o controle da incidência solar nas fachadas. Desde então, ocorreria gradual ênfase à funcionalidade, ao equilíbrio compositivo e ao controle na ornamentação na produção moderna de Belém.

⁷ Segundo depoimentos dos arquitetos Alcyr Meira, Camilo Porto e Milton Monte in: SARQUIS, Giovanni Blanco. *A arquitetura como expressão da modernidade em Belém entre 1930 e 1964*. 2002. 200 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002.

⁸ SEGAWA; DOURADO, op. cit., pp. 252-253.

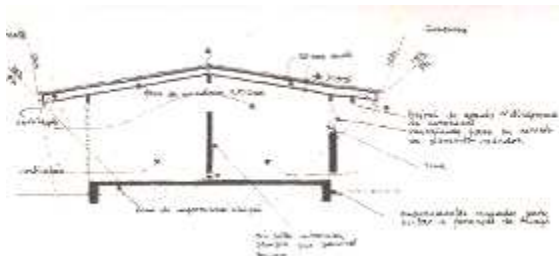


Fig. 02/03: Estudo climático e tipologia residencial da Vila Serra do Navio, arq. Oswaldo Bratke.
(Fonte: Arquivo Oswaldo Bratke).

Outra circunstância fundamental para a incorporação do repertório moderno em consonância à leitura do clima e das condições construtivas do lugar foi o aporte da publicação *Arquitetura social em países de clima quente* (1948) do arquiteto Richard Neutra⁹. Nesta publicação, seu autor descrevia sua experiência com a arquitetura social na Costa Rica, a partir de um programa do Governo local que viabilizou equipamentos de educação, saúde e moradia segundo preceitos de eficiência construtiva da obra com base em materiais industriais pré-fabricados¹⁰. Além de uma atitude moderna diante da racionalização do processo construtivo, se reconhece nos inúmeros projetos para a área urbana e zona rural de escolas, creches, centros de saúde [fig. 04], hospitais e moradia preocupações referentes às condições climáticas locais, resultado de estudos de conforto ambiental com materiais que permitissem coerência construtiva, além de adequação às possibilidades quanto aos custos de instalação e manutenção, capazes de garantir ambientes confortáveis e salubres no clima quente, úmido e pluvioso da região.

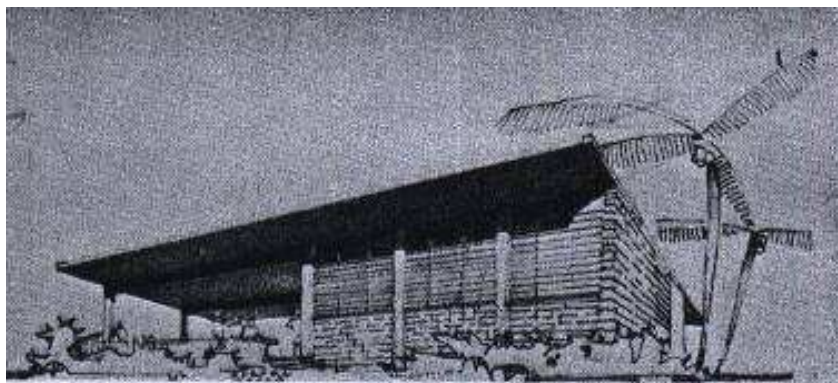


Fig. 04: Tipologia de centro de saúde com venezianas, beiral e varanda.
(Fonte: NEUTRA, op. cit., p. 121.)

No percurso que se seguiu à incorporação destes conhecimentos, ampliando os efeitos da arquitetura moderna em Belém, houve não apenas projetos alinhados formalmente a esta linguagem [Fig. 05/06] como também muitos livremente inspirados

⁹ Segundo depoimentos dos arquitetos Alcyr Meira, Camilo Porto e Milton Monte in: SARQUIS, op. cit.

¹⁰ NEUTRA, Richard. *Arquitetura social em países de clima quente*. São Paulo: Gerth Todtmann, 1948, p. 44.

nela [Fig. 07], por vezes imbuídos principalmente pelo caráter de modernidade que algumas inovações tipológicas e tecnológicas proporcionavam a partir da aplicação de elementos como cobogós nas fachadas, pilotis nos térreos, rampas de acesso, brises em concreto e plantas livres. Engajados nesta prática, destacaram-se alguns personagens com claro alinhamento às questões projetuais modernistas, especialmente formais, dentre os quais os arquitetos Camillo Porto, Alcyr Meira e Edmar Penna de Carvalho. Além da aproximação plástica que muitos de seus projetos apresentaram quanto ao que entendiam como arquitetura moderna, o alinhamento ideológico, no que se refere aos três primeiros - Edmar Penna formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no Rio de Janeiro -, ocorreu gradualmente em função de cursos e viagens aos Estados Unidos e Europa; assim como por meio de literatura especializada e importada.¹¹



Fig. 05: Edifício-sede do IAPI, Belém, 1949-51, arq. Edmar Penna.
(Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2000).



Fig. 07: Residência Belisário Dias, Belém, 1954-5, arq. Camillo Porto.
(Foto: Michel Barbosa, 1999).

¹¹ SARQUIS, op. cit., p. 107.



Fig. 06: Edifício Felícia, Belém, 1964-6, arq. Alcyr Meira.
(Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2001).

3. Diálogos contemporâneos: tradição, modernidade e regionalismo

O reconhecimento da arquitetura moderna como linguagem predominante em Belém até o início do século XXI, reforçou uma atitude assumida por profissionais e acadêmicos que mesmo reconhecendo à condição histórica pós-moderna, não se sentiram influenciados por ela e conservaram seu alinhamento projetual. Em Belém, onde a permanência de uma prática projetual de inflexões modernistas se consolidou; os projetos seguiram vinculados à tradição modernista quer fosse na concepção do partido estrutural e composição formal [Fig. 08], como segundo reinterpretações de tipologias modernas, como é o caso do projeto da Procuradoria Federal do Pará se comparado ao edifício do Itamaraty na capital federal [Fig. 09].



Fig. 08: Faculdade de Arquitetura da UFPa, Belém, 1980-1, arq. Armando Couceiro.
(Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2010).



Fig. 09: Procuradoria Federal do Pará, Belém, 1983-5, arq. Alcyr Meira.
(Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2011).

Ao final do século XX, o moderno sinalizava com novas formas de diálogo com o regionalismo; era necessário atualizar a maneira de interpretar os condicionantes regionais, ajustando-a a novas tecnologias e funcionalidades, sem deixar-se reduzir por uma etnicidade superficial. Neste sentido, alguns profissionais buscaram estabelecer novas conexões com trajetórias paralelas em atuação na própria região. Nesta senda, destaca-se a trajetória do arquiteto Milton Monte em Belém que, iniciada no final dos anos 1960 e identificada com a questão contextual, já projetava segundo preocupações de conforto ambiental e aplicação de materiais da região adaptados às especificidades climáticas locais.

No caso particular do projeto de sua residência [Fig. 10], Milton Monte lança mão de recursos construtivos que possibilitem conforto interno, por meio da aplicação do piso elevado que protege o interior da casa da excessiva umidade; dos tijolos cerâmicos no fechamento das paredes em função da sua inércia - por vezes dispostos com os furos aparentes para permitir a ventilação cruzada -; e, principalmente, reinventa a proteção contra as chuvas e o período do dia de insolação excessiva por meio da do beiral quebrado em todo o perímetro do telhado. Experiências que revelam certo paralelismo com a trajetória de Severiano Porto no Estado vizinho do Amazonas - arquiteto atestado e premiado pela crítica como produtor de uma arquitetura que estabeleceu forte vínculo entre o moderno e o regional [Fig. 11].



Fig. 10: Residência do arquiteto, Belém, 1966-7, arq. Milton Monte.

(Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2009).



Fig. 11: Residência do arquiteto, Manaus, 1971, arq. Severiano Porto.
(Fonte: Arquivo Severiano Porto).

Tanto Severiano com Monte – para citar alguns dentre outros arquitetos atuantes na região como Castelo Branco em Fortaleza e Otacílio Teixeira em Boa Vista - exploravam o diálogo do moderno com o vernacular, por meio de conexões entre, de um lado, formas racionais e organizações rigorosas; e, de outro, tecnologias construtivas e materiais condicionados à cultura construtiva e ao clima da região. Uma atitude de projeto onde a leitura do espaço construído e de entorno era essencial para a articulação da construção e sua composição formal. Neste sentido, a arquitetura desses arquitetos expõe a certeza de que o projeto deveria ser a representação de uma gramática que se conformava pelo conhecimento do contexto e também de uma memória construtiva, constatada enquanto apropriada ao mesmo lugar.

Estas considerações se coadunam com discussões à época (anos 1980), que relançavam discussões sobre a construção de identidades nacionais em contraposição às posturas universalizantes, que seriam capazes de unificar culturas, suprimindo suas diferenças. Assim, neste ínterim revaloriza-se a ideia de regionalismo, melhor seria dizer, de um regionalismo crítico, proposta lançada pelos arquitetos Alexander Tzonis e Liane Lefaivre no artigo *O traçado e o caminho* (1981) - também conhecido por *Arquitetura na Grécia* - que trata do regionalismo praticado pelos arquitetos gregos Dimitris e Susana Antonakakis; e logo depois pelo crítico inglês Kenneth Frampton em *Seis pontos por uma arquitetura da resistência* (1983) e pelo arquiteto chileno Cristián Fernández Cox a partir de textos sobre o referido assunto, como por exemplo, *Nossa identidade submergida* (1983).

Para o crítico inglês Kenneth Frampton uma cultura autêntica dependia da capacidade de gerar formas a partir do estabelecimento de conexões entre o regional e o globalizado, considerando a cultura regional não como algo dado e imutável, mas “como algo que deve ser cultivado de forma autoconsciente”¹²; ao passo que para Cristián Cox seria pertinente a revisão dos valores externos e sua apropriada aplicação, ou seja, uma modernidade que fosse ‘apropriada’, sem ser compreendida como

¹² FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 382-396.

linguagem estilística, mas como uma atitude quanto ao fazer arquitetônico, que parte da interpretação dos problemas e condicionantes de uma realidade específica num momento determinado, e a partir desta leitura, propõe a forma arquitetônica.¹³

Tais considerações servem de pano de fundo para as atitudes projetuais que se caracterizariam na obra de Severiano Porto e Milton Monte, sem que estas fossem consideradas programadas, mas, especialmente, pragmáticas. Ações que sem construir discurso crítico ou teoria, se fizeram pela pertinência no estabelecimento de uma relação entre o moderno e o regional, embora seu foco não esteja limitado ao sítio, mas nos ‘atributos’ do lugar, ou seja, nas suas características reconhecíveis, interpretadas e apropriadas. A produção arquitetônica de ambos serviu de referencial para a formação do repertório construtivo e formal de outros arquitetos alinhados à “causa” regional nos anos 1980.

Associado ao feito local de Monte, se tornou fundamental também para o conhecimento técnico em Belém acerca de uma arquitetura tropical o primeiro estudo sistemático que um arquiteto amazônico faria do clima na região, neste caso, referimo-nos a dissertação de mestrado *Estudo sobre exemplos de arquitetura tropical, erudita e suas adequações à Amazônia Brasileira no último decênio* (1984)¹⁴, na qual João Castro Filho analisava alguns projetos de arquitetura adaptados ao clima amazônico em vista de fornecer subsídios para o desenvolvimento de uma arquitetura adequada ao clima regional. Em obras de sua autoria, como o Retiro Tagaste [Fig. 12/13] e o restaurante da UFPA [Fig. 14/15], Castro aplicou procedimentos moderno-científicos quanto ao estudo do clima e sua conversão em arquitetura. A cobertura destas construções seria o resultado de uma preocupação ambiental e de conforto, o que conferia aos projetos uma lógica racionalista, reproduzível em suas formas e que deriva da percepção científica do lugar.

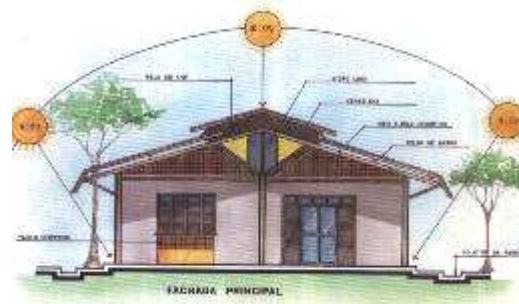


Fig. 12/13: Retiro Tagaste, Marituba, 1986-8, arq. João Castro.
(Foto: Hugo Segawa/Fonte: Arquivo João Castro).

¹³ COX, Cristián Fernández. *Arquitectura y modernidad apropiada. Tres aproximaciones y un intento*. Santiago: Taller America, 1989, p. 56-57.

¹⁴ CASTRO FILHO, João. *Estudo sobre exemplos de arquitetura tropical, erudita e suas adequações à Amazônia Brasileira no último decênio*. 1984. 284 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 1984.

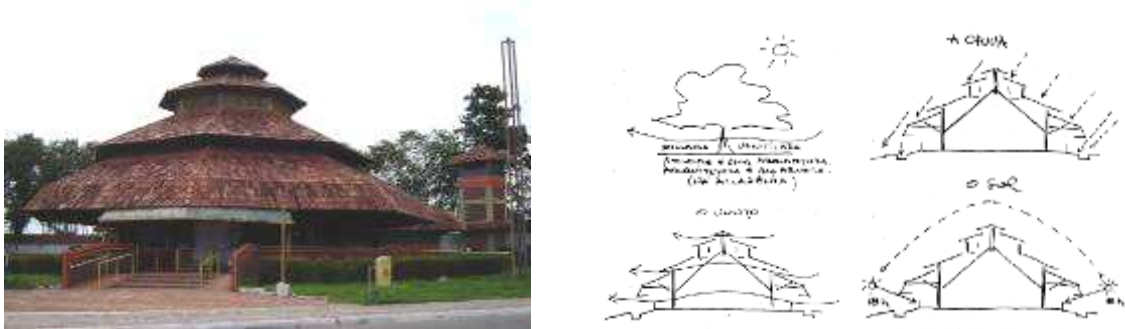


Fig. 14/15: Restaurante da UFPA e projeções esquemáticas de conforto ambiental, Belém, 1991-2, arq. João Castro. (Foto: Giovanni Sarquis, 2009/Fonte: Arquivo João Castro).

José Rayol foi outro arquiteto que somaria esforços na aplicação de conhecimentos técnicos quanto às melhores condições de conforto ambiental na arquitetura e aplicação de materiais apropriados a estas condições. No projeto de sua residência [Fig. 16/17], Rayol aplicou habilmente soluções construtivas condicionadas às especificidades do clima local e ao exíguo terreno no qual a casa seria construída. Limitado pela dimensão restrita do lote, elaborou uma construção racional na utilização deste espaço e na distribuição do programa. Utilizando-se de venezianas móveis nas esquadrias e de brises fixos na varanda, direcionou os ventos para o interior da casa; e por meio de tijolos cerâmicos vazados e de beirais nas faces recuadas proporcionou a ventilação do ático e a proteção das chuvas.



Fig. 16: Residência José Rayol, Belém, 1983-4, arq. José Rayol. (Foto: João Castro Filho).

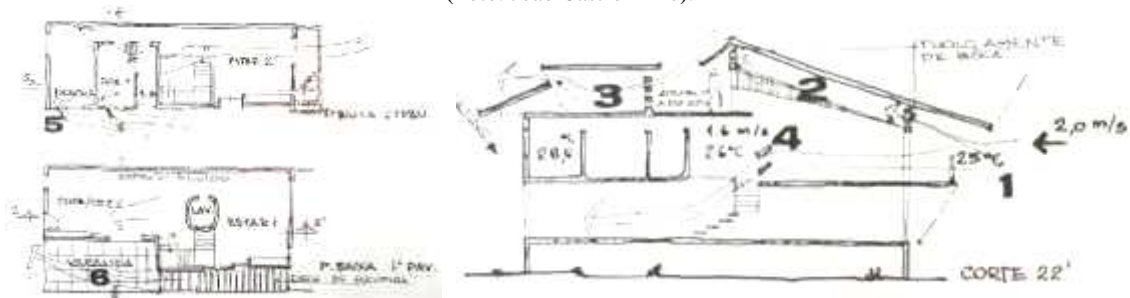


Fig. 17: Representações gráficas da residência José Rayol, Belém, 1983-4, arq. José Rayol. (Fonte: Arquivo José Rayol).

No Interpass Club [Fig. 18/19], o arquiteto Milton Monte retoma aspectos comuns à sua arquitetura regional, projetando um grande espaço para as atividades de lazer de um clube social, fazendo sobressair-se uma elaborada estrutura em madeira de sustentação da cobertura, por meio de peças duplas, treliças e tesouras, fundamental para a legibilidade da expressividade plástica da construção em conformidade com sua solução da cobertura autônoma; uma resposta projetual na qual a forma não é uma simples circunstância da resolução estrutural, mas a própria representação desta em sua materialidade e expressão plástica. A questão do espaço, tão cara ao moderno, é o mote para o exercício de domínio da madeira enquanto estrutura e detalhe, permitindo construir uma espacialidade única nas obras do segmento regionalista na arquitetura belenense. Neste projeto sobressai a elaborada estrutura em madeira de sustentação da cobertura, por meio de peças duplas e treliças, fundamental para a legibilidade da expressividade plástica da construção em conformidade com sua solução estrutural.

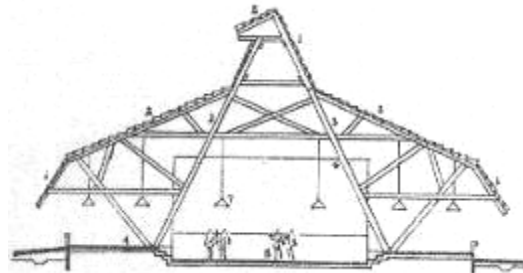


Fig. 18/19: Interpass Club, Belém, 1988-9, arq. Milton Monte.
(Fonte: Arquivo de Milton Monte).

A modernidade que transcendeu às discussões pós-modernas e alcançou o século XXI acenou com a revisão de orientações modernistas, sem esgotá-las, mas atualizando-as segundo novas perspectivas tecnológicas e questões relacionadas à sustentabilidade. Desta forma, tem-se um entendimento da arquitetura contemporânea enquanto continuidade e não como ruptura com a história, interpretada a partir da realidade na qual está inserida. Como aporte a tais considerações têm-se projetos comprometidos com a ‘consciência da realidade’, que se inicia a partir do conhecimento do lugar¹⁵, não enquanto problema, mas possibilidade. Edifícios produzidos a partir da realidade para a qual foram concebidos e cujos processos projetuais estavam atentos às preexistências ambientais, urbanas, sociais, topográficas e paisagísticas, assim como aos materiais, aos sistemas construtivos e ao programa. Trata-se de projetos enquanto resposta que comprovam a assimilação da arquitetura moderna segundo atualizações à realidade na qual está inserida.

¹⁵ MONEO, Rafael. *Inquietação teórica e estratégia projetual*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 185.

Numa dimensão física maior do que os projetos anteriores, condição assim exigida pelo programa requerido por um parque gráfico, o edifício do jornal *O Liberal* [Fig. 20/21], do arquiteto Aurélio Meira, expõe a necessária atualização do regionalismo, sem reducionismos à etnicidade, incorporando uma variedade de tecnologias e de materiais incomuns em projetos locais de mesma escala. A leitura espacial revela dois grandes prismas, o primeiro destaca-se pela contemporaneidade que o vidro e a estrutura metálica espacial denunciam na curvatura da grande empena; enquanto o outro, maior e prolongado, abrigando a maior parte do programa, é conformado por estrutura mista de concreto armado aparente e fechamento em tijolo cerâmico, por vezes vazado para permitir a circulação de ar - tal como a linear cobertura em alumínio permite ao longo de sua estrutura de suporte. Esta diversidade de materiais que o projeto denuncia está alinhada com a ideia de pluralismo presente; que neste caso, particularmente, o arquiteto soube dosar, estabelecendo os diálogos e controlando os resultados que suas referências projetuais permitiram.

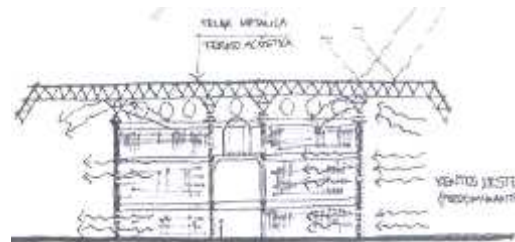


Fig. 20/21: Parque graf. jornal *O Liberal*, Belém, 1990-3, arq. Aurélio Meira.
(Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2010).

No sentido mencionado, a questão contemporânea deve ser discutida considerando a aceitação do diálogo entre a tradição histórica - no que se refere ao respeito às pré-existências -, a herança modernista - quanto à forma de projetar -, e a própria condição contemporânea - que admite elementos estruturadores do fazer arquitetônico inerente a uma boa arquitetura e a um projeto consistente, independentemente das filiações estilísticas. Assim, ter-se-ia a possibilidade de atestar parâmetros de reflexão e interpretação do processo de projeto na contemporaneidade.

Nestas obras de arquitetura ocorre a reprodução de certo *modus operandi* que se expressa numa organização espacial pertinente ao programa, às circunstâncias materiais e a condicionantes climáticas que alcançam uma dimensão espacial e técnica que reivindica uma consciência formal e técnica. Algo que se apresenta enquanto releitura das idéias e da produção, permitindo entender o projeto arquitetônico não como simples representação, mas sim, como ele se contribui para a construção da própria cidade.

Edifícios que expõe um questionamento pertinente: a atualização do regionalismo, neste sentido, o pensar arquitetônico não se subverte a esta, muito menos se restringe a atendê-lo, mas claramente estabelece e assume uma vigorosa conversa

entre os valores histórico-ambientais e os meios técnicos de construção como a premissa de projeto. Sob esta perspectiva tem-se um artefato digno de ser a tradução de uma arquitetura contemporânea engajada na busca de uma qualidade atemporal, traduzindo adequado conforto funcional, consciente domínio da técnica e equilíbrio estético num exemplo coerente.

A forma arquitetônica enquanto resultado de uma consciência formal e estrutural, se materializa a partir de procedimentos construtivos que se apropriam dos materiais e das técnicas regionais. Neste sentido, tem-se a consciência crítica de que o território não é isento de análise e transformação, desde que observadas suas especificidades físicas e simbólicas que constituem seu caráter e justificam sua existência.

No projeto do Centro Social [Fig. 22/23], tem-se a confirmação do diálogo com as referências contextuais, permitindo a interação entre forma, função e estrutura. Uma postura por parte dos seus arquitetos que compreende e interpreta as especificidades do contexto - especialmente os condicionantes ambientais - e estabelece o diálogo e conexão com o universal, numa forma arquitetônica que é resultado de uma consciência formal e estrutural, que se materializa a partir de procedimentos construtivos que se permitem a permeabilidade do edifício bem como uma condição de conforto térmico devido os brises metálicos, enquanto segunda pele da construção e protetor solar.

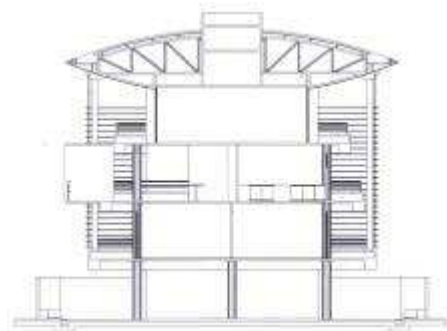


Fig. 22/23: Centro Social Santo Agostinho, Belém, 2002-3, arquitetos Aurélio e Joaquim Meira.
(Foto: Giovanni Blanco Sarquis, 2009).

No sentido que as obras expressam, trata-se, portanto, de uma arquitetura de conciliação entre a manifestação cultural implícita no projeto de arquitetura e o ajustamento às condições mercadológicas impostas pela construção civil. Numa situação em que o projeto se referencia na análise, interpretação, diálogo e articulação com a realidade, que não está conformada apenas aos limites visíveis, mas reconhece o pluralismo de uma cultura globalizada.

4. Atualizando o regional a partir de práticas modernista

Retomar a discussão sobre o moderno e sua pertinência na contemporaneidade trata-se de uma postura que tem por fim sistematizar, de maneira clara e objetiva, atitudes projetuais específicas que se conformaram por ajustamento a uma realidade, e

que quando trabalhadas na por meio de um *modus operandi* em comum demonstram a conformação do objeto arquitetônico a partir de uma interpretação das especificidades do contexto, notadamente técnicas e climáticas.

Nesse cenário, alguns projetos revelam uma trajetória representada pela diversidade de referências e que sinalizam com evidentes diálogos com referências que não são redutíveis à etnicidade; edifícios que traduzem a produção contemporânea de Belém e se colocam enquanto possibilidade de revisão de valores da arquitetura de tradição moderna, como também enquanto solução que dialoga com o contexto e suas pré-existências; tal como Lúcio Costa o fizera em distintos momentos de sua trajetória profissionais, quer fosse nos anos de 1930, quando teorizava a respeito da mediação entre o passado e o presente; como em projetos na Amazônia que, no final da década de 1970, evocavam a conciliação entre tradição e contemporaneidade.

Referências

- BROWNE, Enrique. *Otra arquitectura en América Latina*. México: GG, 1988.
- CASTRO FILHO, João. *Estudo sobre exemplos de arquitetura tropical, erudita e suas adequações à Amazônia Brasileira no último decênio*. 1984. 284 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 1984.
- CAVALCANTI, Lauro. *Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- COX, Cristián Fernández; TOCA, Antonio. *América Latina: nueva arquitectura. Una modernidad posracionalista*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.
- COX, Cristián Fernández. *Arquitectura y modernidad apropiada. Tres aproximaciones y un intento*. Santiago: Taller America, 1989.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MONEO, Rafael. *Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- NEUTRA, Richard. *Arquitetura social em países de clima quente*. São Paulo: Todtmann, 1948.
- NOBRE, Ana Luiza; KAMITA, João Masao; LEONÍDIO, Otavio; CONDURU, Roberto (orgs.). *Um modo de ser moderno: Lúcio Costa e a crítica contemporânea*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- SARQUIS, Giovanni Blanco. *A arquitetura como expressão da modernidade em Belém entre 1930 e 1964*. 2002. 200 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002.
- SEGAWA, Hugo. *Arquitectura latinoamericana contemporânea*. Barcelona: GG, 2005.
- SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme Mazza. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: ProEditores, 1997.
- SOLÀ-MORALES. Ignasi. *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporânea*. Barcelona: GG, 1995.